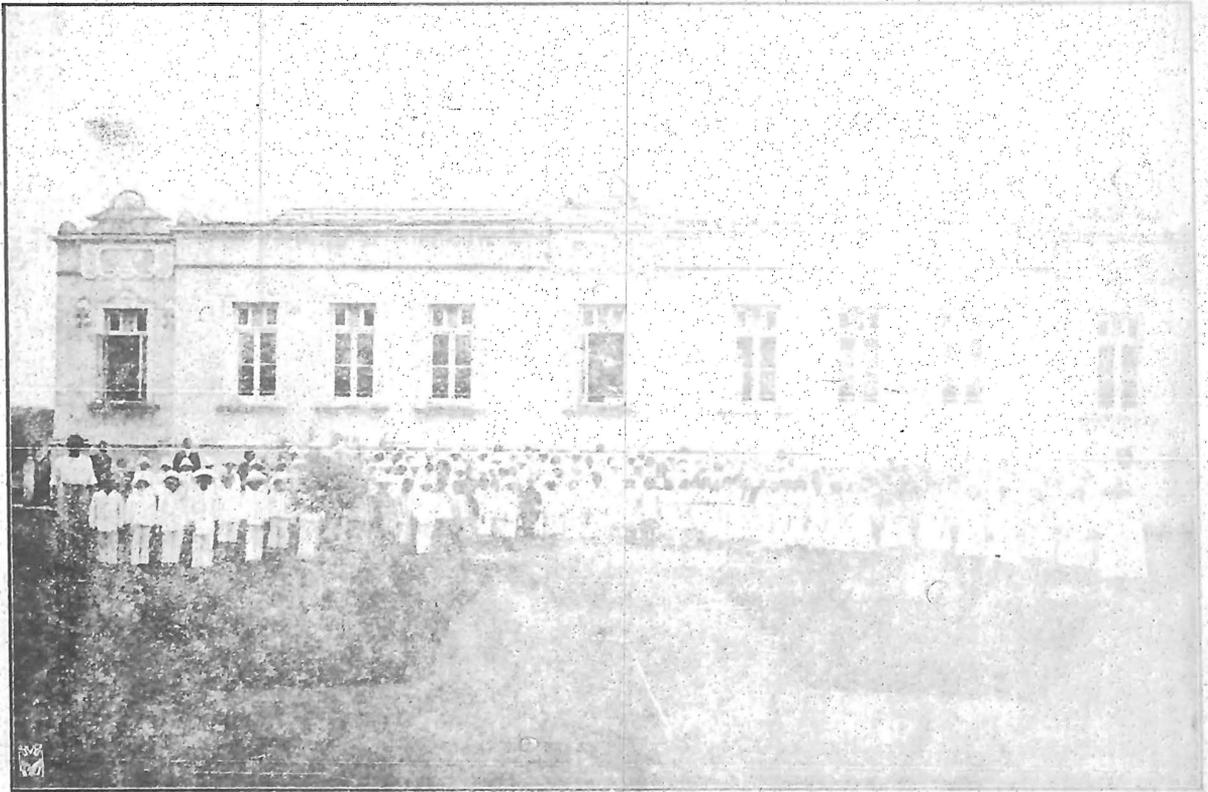


Nova Trento

Major Hypolito Boiteux



(Fachada do Grupo Escolar Luiz Delfino (Blumenau))

ANNO I

NUMERO 23

Florianopolis, 17 de Setembro de 1916

„A PHENIX”

Semanario Illustrado

Redacção--Administração--Officinas

RUA TENENTE SILVEIRA N. 2

DIRECTOR

Edmundo Silveira

ASSIGNATURAS

CAPITAL {Anno . . . 15\$000
 {Semestre . . . 8\$000

INTERIOR {Anno. . . 18\$000
 {Semestre. . . 10\$000

NUMERO AVULSO 400 Rs.

ATRAZADO 500 Rs.

ANNUNCIOS

1 pagina a 3 cores	30\$000
1 „ „ 2 „	25\$000
1 „ „ 1 „ e clichê	20\$000
1 „ „ simples com vinhetas	15\$000
1/2 pagina a 3 cores	18\$000
1/2 „ „ 2 „	15\$000
1/2 „ „ 1 „ e clichê	12\$000
1/2 „ „ simples com vinhetas	8\$000

Os anuncios gosarão dos seguintes abatimentos:

2 mezes 5 %, 6 mezes 15 %, e permanente 25 %.



SEMANARIO ILUSTRADO

ANNO I

FLORIANÓPOLIS, 17 de Setembro de 1916

NUM. 23

A' margem da semana

Nada de novo tivemos por ementar no decurso da semana finda. Factos? Boatos? Nada.

Florianópolis, nesses dias maltratados do ventosul, muito silenciosos e fuscos, sem auroras resplandecentes nem lânguidos e românticos ocasos, dá-nos a impressão de uma cidade sem vida, sem palpitações nem ânsias de progredir, a não ser... nas escavações do esgôto.

Progresso! Progresso! De quantas coisas prosaicas te compões! Que capítulo Garret não teria escrito em aditamento as suas *Viajens na minha terra*, si em Santarem ou algures se lhe deparassem serviços tais! Era a prosa tersa, lidima até o cerne, a prosa sublimada ao cadinho da vernaculidade mais estreme, chasqueando e *pari-passu* apologizando esse tenaz labor de toupeiras, que vai, por sob a terra, estendendo quilómetros de canos por onde fluam fezes...

E é tudo. Nos grandes centros,

*...les grands ont leur oeuvre et les petits leur tâche
Chacun a son oeuvre à faire. Chacun met
Sa pierre à l'édifice encore loin du sommet,*

como dizia o velho cantor de *Les Chants du Crépuscule*:

Aqui ninguém parece trabalhar. Uma pa maceira baila no ar, por sôbre a cidade, e só os sinos nas esgalgadas torres e os autos e bondes nas empoeiradas ruas fazem barulho—e só barulho.

E' a religião e as emprêsas de veículos a encher o ar de ruido, enquanto a Primavera começa a denunciar-se nos rebentos das árvores remocadas e na alegre florescência das roseiras.

Ouvimos já ser a Municipalidade, incitada pelo Governo, quem paga os sinos para bimbalharem e os autos para fonfonarem á doida, por aqui e por ali,

afim de impingir aos forasteiros desatentos e ingênuos uma capital fantasticamente movimentada, industriosa e progressista.

Porque até se falsifica o progresso—como se falsificam os vinhos. Falso vai a aparência, do rótulo. Que o digam, ou antes, que o confessem êsses tartufos que por avicejam, bem comidos e bem endeusados, calorosamente dados como altos modelos de cordura e paciência, de honestidade e talento, e que —almas sórdidas como sentinas—sabem odiar com todos os requintes do ódio, com todos os refinamentos que a inveja sugere, e que não medem intrigas para indispor soezmente os seus desafectos com meio mundo. Nunca nos aparecem tais quais são.

E' o rótulo da hipocrisia. E' a taboleta dessas falsas casas de modas, em que se lê:

Atelier de Madame X

—e as quais abrem para prostíbulos.

Falso progresso, falso vinho, falso caracter...

Por enquanto só se sabe de uma coisa verdadeira: a própria verdade. E esta, mercê de Deus, nunca poderá ser falsificada.

Albino ROSAS

Grupo E. Silveira de Souza

Este importante estabelecimento de Ensino, criteriosamente dirigido pela distincta professora D. Sybilla Lobo Haberbeck, commemorou a data de nossa Independência, realisando uma magnifica festa civica, que muito encantou os assistentes.

Os alumnos que tomaram parte no programma, se houveram com muita correcção, o que é motivo de justo orgulho para a distincta professora D. Sybilla Haberbeck e suas dedicadas auxiliares.



Commendador João Pinto da Luz

Grupo Escolar Luiz Delfino

Estampamos no nosso presente numero, a fachada do Grupo Escolar de Blumenau.

O Grupo Escolar Luiz Delfino foi inaugurado a 31 de Dezembro de 1913, tendo então a matricula de 182 alumnos.

Em 1914, essa matricula foi de 192 crianças; em 1915, foi de 185.

Diversas causas tem concorrido para a pouca frequencia de tao importante estabelecimento de ensino, causas que desaparecerão com o tempo e com o notavel zelo do actual Governo, pelo ensino publico.

O edificio possui onze compartimentos, sendo oito para as aulas; um para gabinete de ciencias physico-naturaes; um para portaria e outro para gabinete do Director.

As áreas são ajardinadas e arborizadas, tendo ao fundo dois amplos galpões, para abrigo dos alumnos nos dias calidos ou chuvosos.

O mobiliario obedece aos mais exigentes requisitos da moderna pedagogia, tendo sido adquirido, em Boston, na America do Norte.

O corpo docente e composto de 1 Director e de 8 professores, escolhidos dentre os mais competentes do magisterio catharinense.

Chamamos a atenção dos nossos leitores para a magnifica poesia de Luiz Delfino, publicada noutra secção.

* * *

Rose-Club—Com o inebriante perfume que se evola dos roseirões floridos neste mez de Primavera, surgiu-nos com todas as suas encantadoras seducções o *Rose-Club*, composto de gentilissimas senhoritas da escol florianopolense.

Alvaro Ramos, que elegantes festivas de Arte tem realisado nos aristocraticos salões de Florianopolis, idealizou uma aggremação original pelos seus encantos e attrahente pelas suas graças.

Rose-Club veio então preencher uma grande falta, no nosso meio social.

A iniciativa, aliás, sympathica encontrou fidalga acolhida. No proximo mez, sabemos, o bizarro *Rose-Club* proporcionará no edificio de sua sede a sua festa inaugural que será um dos acontecimentos mais notaveis no mundanismo chique de Florianopolis.

A directoria do *Rose-Club*, consoante a delicada circular que nos enviou a gentil senhorita Bêbê Collaço, ficou assim constituída:

Presidente: Ambrosina Portella; Vice: Dóra Pedreiras; 1. Secretaria Bêbê Collaço; 2. dita Olga Garofallis; Thesoureira: Diva Gama d'Eça; a Junta de Thesoureira: Hilda Moritz e oradora: Henedina Pacheco.

A Phenix agradecendo a gentileza da communição acima, hypotheca á novel aggremação os protestos da sua profunda sympathia.

Dr. Aristides Mello

No dia 11 do corrente, falleceu nesta Capital, após prolongados soffrimentos, o distincto conterraneo dr. Aristides Ferreira de Mello, que exercia o importante cargo de Procurdor Fiscal da Fazenda Federal neste Estado.

O extincto, descendente de illustre familia, era um caracter impolluto, dotado de peregrinas virtudes, e, dahi, o grande numero de admiradores que contava no seio da sociedade catharinense.

Honrando em toda a sua existencia as tradições de seus maiores soubéra assim impôr-se ao respeito e estima de seus amigos que, consternados, acorreram á casa mortuaria, mal a entristecedora noticia echoava pela cidade.

O seu enterro foi muito concorrido e, conforme a sua ultima vontade, o cadáver foi inhumado, no cemiterio da cidade de São José, juntamente com os restos mortaes de seu illustre pae dr. José Ferreira de Mello.

A desolada familia do grande extincto—*A Phenix* apresenta sinceros pezames.

Diccionario Historico e Geographico

Mais um trabalho de subido valor que demonstra a profundeza de estudo, a dedicação incansavel á historia e á geographia do nosso Paiz, especialmente do nosso Estado, vem de publicar o illustre catharinense Sr. Dr. José Arthur Boiteux,

E' o 2º volume do importante *Diccionario Historico e Geographico*.

Em 142 paginas, o nosso distincto confrade estuda com minucia e acertado criterio as condições historicas e geographicas de S. Catharina.

O presente trabalho é mais um attestado da larga operosidade do seu auctor, que sempre se ha dedicado com ardor ao estudo das cousas attinentes ao solo catharinense.

A Phenix agradece penhorada a remessa do 2º volume do *Diccionario Historico e Geographico* com que foi distinguida.

Coronel Caetano Costa

O nosso escriptorio foi honrado com a visita do illustre conterraneo sr. deputado Coronel Caetano Vieira da Costa, estimado *leader* do Congresso Representativo do Estado.

O digno conterraneo veio nos apresentar despedidas por ter de seguir para Painel, onde reside.

Agradecendo a honroza visita desejamos ao illustre parlamentar feliz viagem.

Diagnosticco bohemio

Ninguem é mais avesso á Historia Nacional que o meu amigo Fabio Mendes,

15 de Novembro é uma grande data, mereceu mesmo uma pagina brilhante no seu «Diario de Vagabundo», não porque Deodoro, no campo de Santa Anna, fizesse do Brazil uma republica... te estudantes traquinas:—ha tres annos passados, neste mesmo 15 de Novembro, numa alegre roda, esvasiára dez taças sem pestanejar. E d'ahi o Fabio em boa letra e pessima litteratura, immortalisou a data numa das paginas do canhenho avelludado.

E assim são todas as datas que o Brazil festeja conhecidas da eterna bohemia do meu amigo.

Quinta-feira, mamando mollemente a ponta do charuto com os olhos vermelhos de sono, todo preguiça, o Fabio Mendes descia a ladeira da Cathedral, com as abas do frack ainda amarfanhadas da ultima noitada.

Bem que notára bandeiras a tremular do topo dos mastros e um ar domingueiro nos transeuntes, escovados, lindos, elegantes.

Uma corneta soava ao longe.

O Fabio bocejou e olhou o relógio da Cathedral: meio dia.

A bandeira nacional oscillava abraçada á cruz da igreja. Admirou-se.

—Pouco se me dá que ella lá esteja á fachada duma igreja ou no alto de Palacio. E' sempre a mesma bandeira.

E depois, nada mais certo tenho visto ultimamente.

O Brazil ha de morrer tambem na cruz, crucificado.

E pôz-se a girar pelo jardim, a esmo, esperando que o acaso trouxesse alguma cousa de novo.

Mesmo assim não lhe veio á ideia a Independencia Nacional.

Mario Veiga

Junta Commercial

Do sr. major Innocencio Campinas, digno Presidente da Junta Commercial, recebemos attenciosa circular nos communicando a desanexação da Junta do Thezouro do Estado e a sua installação provisoria em uma das salas da Associação Commercial. Gratos.

No Congresso Legislativo

Cumulo de distracção:

O jovem deputa'o dr. Julio Renaux anda profundamente preocupado...

Dentro do seu espirito trabalha dia e noite uma idéa brilhante que o torna inacessivel aos que o cercam.

Ha dias, por occasião da votação de um projecto, o sympathico deputado, ao em vez do seu voto, collocou uma cedulla contendo a seguinte quadrinha:

Os teus olhos são dois lumes
Que illuminam a escuridão
Quem me dera tel-os sempre
A aquecer meu coração.

* *

O respeitavel representante de Joinville, o sr. Otto Boehm tem andado mudo e pensativo.

Interrogado a respeito pelo sr. coronel Procopio Gomes, disse que vive pensando se deve ou não raspar o bigode, como o jovem dr. Arthur Costa.

* *

Prorogação de sessões

Correndo o boato de que seria prorogada a presente sessão legislativa do Congresso, para ser discutida a questão de limites, fomos ouvir a opinião de alguns deputados.

Deputado Julio Renaux.

Acho uma medida necessaria. A prorogação deve ir até 31 de Dezembro

Preciso estar aqui até o Natal.

(S. Ex. que é noivo tem razão..... O seu projecto não é máo).

Deputado Joé Collaço—Discórdo da ideia.

A prorogação é um mal. Lembro uma reunião extraordinaria.

(O jovem representante tem sérios compromissos com *Tio 40°* E' preciso ensaiar a bizarra rapaziada que deve cantar um hymno no dia da Festa da Bandeira.)

O deputado Paulo Zimmermann: *Que nade de porrogação. Eu vôda contra ista.*

Na Blumena a a conselha municibale nain engade um sessão cum outie. Ista naia é dremon-cacia come in Suisa. Eu vá minborra....

(S. Ex. tem pressa...

As colheitas estão na porta. Ellas dão mais que a bagatella do subsidio.)

Poranduba Catharinense

Continuação

O Pomerano já não tem a intelligencia do bavar, e o confirma o proloquio allemão:

"Brieco como um Pomerano",

Trabalhador infatigavel, constante, acatholico, apegado aos seus habitos, na la o demove a abandonu a rota traçada.

Na ha impecilho que o desma me; é tenaz, de uma tenacidade inabalavel, tradicional, tatica. Serão virtules? Serão defeitos.

A elle devemos a prosperidade crescente do norte do Estado, como a elle, em parte, devemos o retardamento a assimilação desejada. A outra parte, a maior e a mais condemnavel, cabe aos governos passados, collocando nucleos coloniaes em sitios distantes, sem escolas, quasi segregados da commuñho nacional. Eis a razão pela qual ainda hoje encontram-se, ás vezes, netos de colonos allemães, nascidos já de paes brazileiros, fallando mal o portuguez, ou com o sotaque guttural denunciador de sua origem germanica.

Existe ainda uma resistencia que, facilmente, poderá ser neutralizada pelo governo.

Refiro-me á campanha mansiosa feita contra a nossa lingua e as nossas tradições, por certos aferrados pan-germanistas (nativistas ou jacobinos allemães) naturalizados brazileiros para terem a liberdade de dizerem tudo quanto lhes apraz, e que com decidido empenho procuram inculcar no espirito da mocidade teuta-brazileira a obrigação moral de não esquecer a patria e a lingua de origem.

Felizmente, porém, esta maioria ingrata vae dia a dia perdendo terreno diante da forte penetração nacional.

A lingua allemã em nosso Estado tem já feito seus, ou afeiçoado, muitos vocabulos do nosso idioma. Em S. Pedro de Alcantara, uma das primeiras colonias allemães fundadas entre nós, vae em via de progresso um dialecto exquisito, mixto barbaro das linguas portugueza e germanica. O sexo fraco é um dos maiores cultores de tão original calão.

Em outros pontos do Estado, onde a influencia tudesca é mais accentuada, notam-se, como disse, muitos termos e expressões ou locuções vernaculas intercaladas naquella lingua, mas nunca vocabulos e dizeres allemães na linguagem simples do nosso povo.

Ainda não existem, mesmo, poesias mescladas. O allemão, resistindo, sempre á assimilação, verte para o seu idioma as poesias brazileiras que lhe agradam e encantam.

É deveras interessante a observação desses originaes caprichos.

Estu lo sociologico de real importancia que bem merece ser abordado, e gostosamente, por pessoa que, vivendo entre a massa daquellas populações heterogeneas, observasse dia a dia as singulares repulsões e atrações daquelles elementos no amalgamarem-se, ao fim lirem-se para a elaboração de um futuro typo catharinense.

Após os allemães vieram, em 1836, os primeiros italianos, que ainda affluem ás nossas plagas, contrabalunando de certo modo a influencia germanica e, por sua vez, fortificando o nosso já decahido sentimento artistico. De origem quasi identica á nossa, fallando uma lingua irmã, professando a mesma religião, com grande facilidade de adaptação ao meio, o italiano assimila-se rapidamente á massa geral da nossa população, deixando, apesar disso, traços caracteristicos de sua raça.

E se ainda temos varias colonias em cujo ambito são os pictorescos dialectos italianos, devemos mais uma vez á incuria dos governos que não lhes dotaram com boas escolas nacionaes.

A influencia do Polaco ainda é nulla, como inapreciavel é a dos representantes de outras raças que conosco mourejam.

Pouco a pouco ir-se-ha dando a assimilação dessas raças concurrentes, sob o mesmo sol, sob o mesmo clima, debaixo das influencias profundas emanadas do proprio meio, até que integralizadas em um typo unico, perfeito, completo, virá formar o catharinense futuro, alliando naturalmente os caracteres morphologicos, moraes e intellectuaes das raças originaes.

Feito este desataviado escorso ethnologico á guisa de preambulo, passarei em revista os elementos que consegui reunir colhend-os na tradição oral do nosso povo, principalmente no da ilha.

Ao passal-os agora para lettra de fôrma não os desfigurarei, nem os alterarei.

Tal qual os colhi, para apui os traslado. Apenas leves retoques, aqui e alli, na pontuação, na corcondancia; nada mais.

(Continúa)

Lucas A. Boitéux

Festejam amanhã os seus anniversarios os jovens José Sebastião, Silvino Alves e Joaquim Lucio de Souza, dedicados empregados das nossas officinas.

A Abelha

Il vous semblait,
Las ! qui lle rependait
La plus aimable odeur
Helas! ma bonne, helas que j'ai grand peur

Cazotte

Que vens tu fazer, abelha
Lindo insecto zumbidor ?
Que vens tu dizer ao prado
Que vens tu dizer a flôr ?

Eu sei, insecto maldito,
Que para fazer teu mel,
Matas a flôr, em que pousas
A linda flôr dô vergel.

Encostas teus beiços d'ouro
Teus lindos, doirados pes
No seio virgem das flôres
Porque não sabem quem és!...

Porque sua irmã te julgão
E julgão, que te vem,
Que és uma flor sem raizes
Ou uma flôr que azas tem.

E depois... teu beijo é doce
Sabe tanto o teu zumbir !...
E a flôr inclina a cabeça,
E pensa que é p'ra dormir;

E pensa que o somno é bello
Que n'outro dia ha-de vir
Coma aurora os mesmos orva-
[lhos,
Com o sol o mesmo fulgir !

Que nos teus braços, abelha,
Aif nos teus braços de irmã
Ha de embalar-te a noute
Beijar-te hade a manhã.

Eu sei abelha maldita
Eu sei qual é o teu ardil:
E's como um verme: a teu modo
Urdes a rede subtil

Foge, flor, dessa mortalha
Nao queiras perder assim
Tuas roupas d'esmeralda.
O teu ouro; o teu setim.

Oh! linda flor foge d'ella:
Foge d'ella, ó linda flor,
Não ouças aquelle insecto
Que é meigo, quanto é traidor

Ha-de dizer-te: «E's a perola
"Do esmeraldino roupão,
"Que cahe dos hombros dos
[montes
"E tolda em pregas o chão!"

Ha-de chamar-te: «Princeza!»
E hade o teu throno beijar:
E ha-de dizer-te que é bem
(pouco
P'ra quem merece um altar !

Ha-de ampara-te nas azas
Da chuva quando cahir:
Bello diadema de orvalhos
Só te ha-de a fronte cingir.

Molle orvalho perfumoso
Que a seiva da maior vigor
Que torna ainda mais linda
Em que seja linda a flor.

E ha-de dizer-te inda a abelha
Que podes, o flôr dormir -
Quem nem as mesmas estrellas
Em teo pousal hão de vir..

Que na tua molle cama,
Nos brancos lenções, que tem,
Que nas cortinas... no berço...
N'nguem buiira... n'nguem !

Que as tranças d'ouro ligeiras,
Que em ondas vem e rolar
Da esjadua negra da noite,
Que tem a frente o estrellar.

E os pes calçados de sombra
Pela terra a caminhar.
Não hão de em teu seio puro
Não hão de se perfumar

Que a brisa e mo le e suavissima
E o sol desceu dô zenith,
Que ande no valle visinho
O vaidoso colibri !...

E que elle mesmo é um pobre
Bichinho, que causa dô:
Um argueirinho com azas,
Um bocadinho de pó !

Ha-de dizer-te: «Eu te juro,
"Que Deus faz mal, se lhe deu
"Andar os mesmos espaços,
"Onde andão as aguias e eu.»

Tu ficará encantada,
Tu has-de julgar feliz
De teres, quem te ame tanto,
Quem tantas couzas de diz.

Que entremos... Ter amplo o
[espaço.
O ceu livre, e grande o ar...
Ter azas... e não deixar-me...
Oh, como ella sabe amar...

Sim, eu decerto amaria
Tão boa amiga: sei bem:
E' linda, e alem de linda
Quasi é minha irmã tambem.

Mas eu furtara um momento
A tão delicado amor.
E fora ao valle visinho
Sahira a ver outra flor.

Subira ao ceo: minhas azas
Molhara-as em seu clarão...
E, até pensal-o dôe-me
Sinto-me humilde no chão

Oh, abelha, linda abelha,
Abelha, extrem sa irmã:
Ah, deves amar-me muito.
E's boa, quanto es louça...

Dorme comigo em meu braço:
A noite vem a chegar,
E as brisas, que hão de em-
[balar-nos
Vem la das bandas do mar...

E abriras o teu berço
De seda, d'ouro e setim,
Flôr boa, Abel das câmpinas,
A abelha, seu mao Caim.

E' inclinarás a cabeça
Na hora de teu dormir;
E um surdo tremer de flores
Em todo o val se-ha de ouvir.

E hão de encontrar n'outro—
já sem perfume e sem cor
No teo berço mutilado
O teo cadaver de flor.—

Maldita, maldita abelha
Que para fazer teu mel,
Matas a flor, em que pousas,
A linda flor dô vergel.

Luiz Delfino

PRAIAS

I



De vòlta do mar grosso as canôas de pèsca
Vêm dobrando o costao, odas a quatro remos.
Ei-as agora junto á praia branca e fresca
Onde a espuma ncs dá rosas e chrysanthemos!

Que vida encantadora, alegre e pittoresca!...
E qu emoções iguaes lá na cidade temo?
--Lá n ssa vida è toda uma afflicção dantesca!
--Velados de amargura os proprios sonhos vem s!

Aqui no mez de Maio, azul, transparente,
Neste trabalho rude a alma se vê contente;
Não ha nem uma sò que de pezar se queixe.

E a luz d'ouro do sol, sobre cada canôa,
Pára como um tendal:— E' Jesus que abençoá!
E Pedro, sem ser visto, as transborda de peixe!..

II

Noite de Junho. O frio é vidro em pó roçando
As mãos dos que da praia estendi os nã arêia.
Estão tranquillamente o café esperando
De um rancho em cuja porta um clarão broxolêa.

Outros já da canôa as velas vão soltando...
Não há tempo a perder, que á luz da lua chêia,
O vento sul que sópra as ondas vão rolando...
E cada coração de pescador ancêia!

Todos, todos ac mar, satisfeitos, felizes!
Sem sentirem do nãl as profundas raizes;
Apenas da saudade envolvidos nas maguas...

As que saudade dóce a dessas almas francas,
Sob as velas em cruz, as grandes velas brancas,
Da canôa que enêra uma ave à flôr das aguas

Noíves! Que lindo par, de todos invejados
Ella de cõr trigueira, e elle, da mesma cõr!
O olhar de Hortencia tinha um resplendor sagrado,
E o de Luiz poss.ia um igual resplendor!

E se casaram sob um céu illuminado,
Por nma tarde que recordava uma Flôr!
Houve uma grande festa em todo o povoado:
Cantigas virginaes, recordaçõe de amor,

E á noite, na enseada, á luz branca dos astros,
Dos barcos a floresta ondulante dos mastros
Enchera-se tambem dessa immensa alegria!

Mas um anno depois (oh! triste realidade!)
Hortencia era, na praia, a Visão da Saudade!...
E o corpo de Luiz em que praia estaria?!

III

FPOLIS 1916

Araujo Figueiredo

O Perfil

Madame B. V.

É um sonho garreteano. Delicadesa de porte, a graça esvelta das condessas do tempo amanhecido do minuetto, da gavotta e das valsas apressadas, — personagens de languidez e leveza, *bibelots bien signés*...

Madame B. V. ama as rendas, e se lizésse versos fal-os-ia como os sabem fazer, sobre papel setim, os poetas e as poetisas nippões... No maravilhoso imperio do Sol Nascente, a poesia fala, irrimprimivelmente, dos chrysantemos, das cerejeiras, das gaivotas... E, mesmo falando do amor e de guerreiros, ha, em todos os versos, uma petala de flôr, a seduccão d'uma essencia, a aza de uma ave...

Madame, entretanto, não faz versos. As suas estrophes de ouro, que lhe enchem de sonoridades benditas o lar e a vida, tem-nas a senhora illustre na alegria celestial dos anjos louros, d'olhos azues, que Deus lhe deu...

Paulo Pimentel.

RISCOS...

Isadôra Duncan è a artista suprema da Evocação...

É a alma suavissima da Helade dos rapsodos, bailando, aos nossos olhos, como n'uma saudade.

Nas suas dansas classicas, moldadas em linhas puras e harmoniozas, não ha contorsões felinas, crúas sensualidades à Napierkowska...

Isadôra resurge aquella subtileza de gaze, de poesia e de rithmo do bailado grego antigo.

Vendo-a dansar, a gente imagina um rincão de bosque, n'uma alegre manhã de sacrificio.

Festões de rozas pendem, a oscilar, de capitéis lavrados.

Nas tripodes de onix os perfumes queimam, sobem em tremulas espiraes, perdendo-se entre as ramarias onde as flores noivam...

Uma estilha de sol filtra-se através das folhagens, enche de luz os frizos das colúnas do Templo, risca de oiro o leve fumo disperso e, sobre a àra, vae acender cintilações no cutelo do aruspice.

...Em derredór a choréa baila, leve, vaporozza como gaze, ao rithmo dos cimbaes e das avênas humidas...

De quando em vez, d'entre as ramagens glaucas, a cabeça chifruda de um Fauno surge, indaga loraamente, e dezapparece n'um rumor ecoante de galhadas partindo-se...

* * *

Isadôra Duncan é bem a artista suprema do rithmo e da plasticidade...

A Grecia toda dos pômos de oiro e das estatuas de marmore resurge n'ella, harmoniozamente, como n'uma saudade...

Rio — Agosto — 1916.

Simon de Monfort

O teu retrato

A' cabeceira de meu leito, por entre flôres perfumosas que o incensam e os pensamentos meus que o emmo'duram, fica collo'ado o retrato de minha gentil amada.

Um perfeito typo de santa, guindada aos altares da adoração!

Paira no seu meigo olhar a nostalgia mystica de horas ditosas, a doce evocação de scismadores luars.

Tão meiga e tão formosa!

Contemplo-a cada vez mais e ás subitas o meu olhar deslumbrado, preso aos seus olhos profundos e acariciadores, ella se destaca do retrato.

Toma proporções grandiosas, como se fosse uma visão radiante.

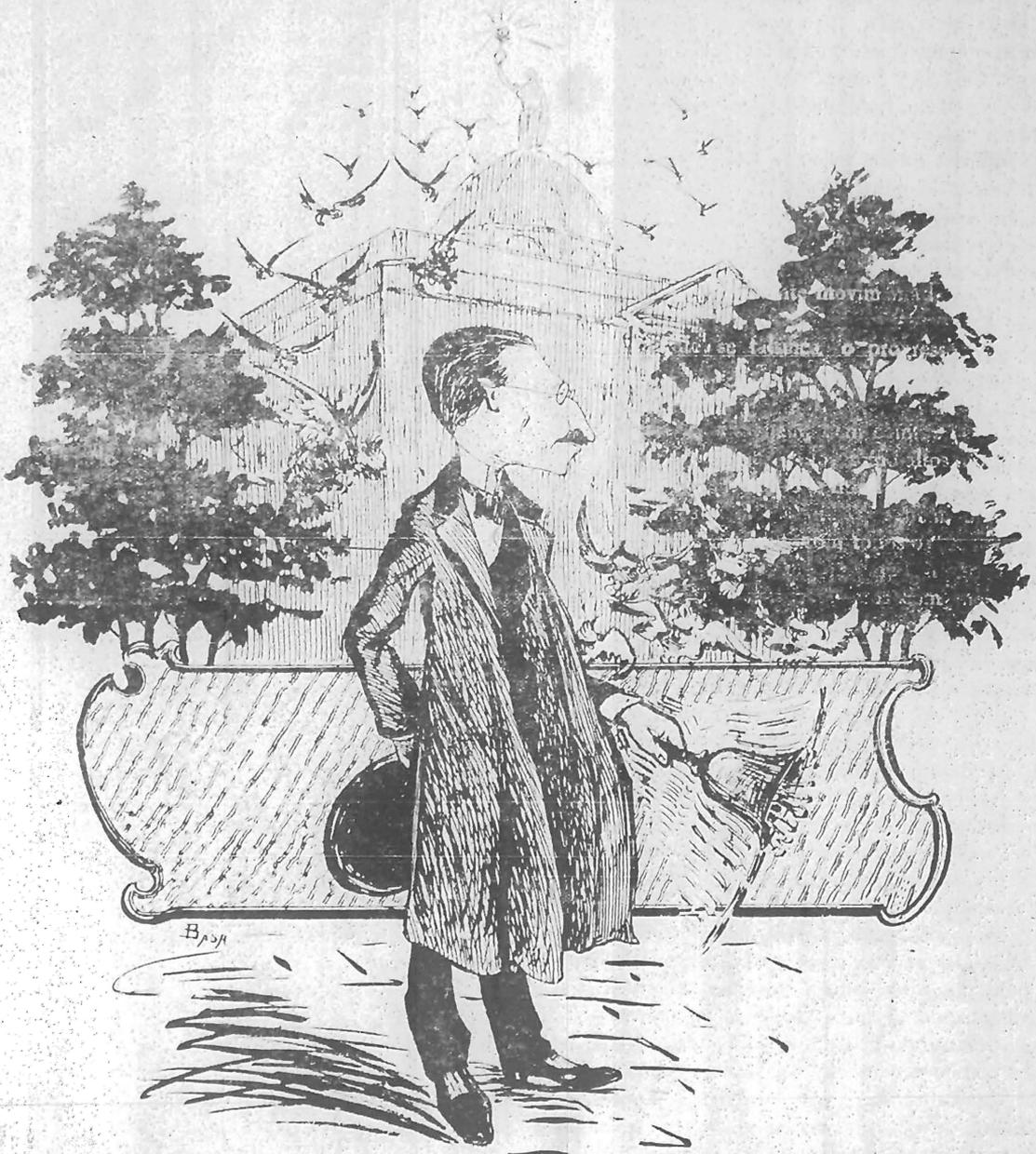
Approxima-se mais e mais... Es'ende-me as mãos delicadas, envolve-me nas suas adoraveis caricias e leva-me pela lactescencia dos castos desejos e dos frementes aneios de pulverisações de luzes...

Ando errante, horas e horas, librado na aza doirada de um sonho bom, por entre risos dulcissimos e flôres desfolhadas, ouvindo uma harmonia exiranha, dolente como uma harpa que tangesse, solitariamente, endeixas de tanta saudad... Entrelaçados, como almas apaixonadas, percorremos, a sós, a feliz estrada de nossos sonhos descuidosos de moços, escutando promessas risonhas, enquanto contava desoladoras maguas...

Depois... desperto e encontro-me estirado ao leito a cuja cabeceira, por entre flôres perfumosas que o incensam e os pensamentos meus que o emmo'duram, fica o retrato de minha gentil amada.

Olveira Ramos

Os nossos deputados



A LUZ Sexta-feira appare eu nesta capital mais um collega intitulado *A Luz* e organ da Federação Espirita Catharinense.

No seu artigo programma o novo collega se propõe a defender e propagar a bella doutrina espirita,

declarando não ser organ de combate.

A Luz que está criteriosamente dirigida traz optima collaboração, apresentamos as nossas felicitações com os votos que fazemos para que tenha vida longa.

Assumptando...

Eu tenho pelos animaes, uma sympathia e uma benevolencia que, devo confessal-o, nem to los os homens me tem podido inspirar.

Seja dito, porém, de passagem, que tambem entre os primeiros alguns ha pelos quaes não nutro a menor inclinação.

Entre estes a pulgã, o pernilongo, o borrachudo, as vespas ou mutucas e esses chatos hemipteros de cheiro repugnante que em certas situações nos movem a mais cruenta e traiçoeira guerra, nunca os pude considerar senão como inimigos, elementos «undesirables», como se diz em diplomacia moderna.

Quando os encontro movo-lhes a mais implacavel guerra, não tanto pelo sangue que me roubam, mas pela perturbação que me trazem ao somno, aos sonhos e aos devaneios, forçando-me a esmagá-los impiedosamente, tal qual fal-ô-ia a certos typos da especie humana, si elles coubessem sob minhas unhas ou a sola de meos sapatos.

Não vão suppor por isso que eu tenha mãos bofes, pois, muit ao contrario, sou de um tolerancia e magnimidade que a muitos parecerá fraqueza.

Concordarão, porém, commigo em que os homens fazem o mal consciente e calculadamente, enquanto os pobres irracionais, quando o fazem, obedecem unicamente ao impulso instinctivo da conservação.

Por isso, sempre que me é dado, evito o sacrificio dos ultimos, victimas quasi sempre da ignorancia, injustiça e malvadez humanas.

Muita gente ha, por exemplo, que attribue venenosos attributos a um pobre insecto, o louva-Deus, a quem matam por isso inexoravelmente.

Eu, não. Julgo o louva-Deus um dos mais intelligentes e inoffensivos de sua especie, e, muitas vezes já, como agora mesmo, enquanto garatujo estas linhas, o tenho tido por companhia, delicadamente pousado sobre minha secretaria, observando e acompanhando os meos movimentos, com os olhitos vivos, destacando-se de seo todo esmeraldino, revelando certamente uma intelligencia pronunciada.

Que delicadeza, que elegancia (porque não ?) que finura, revela esse filho da esperanza quando esfrega as mãosinhas uma na outra, com um chic que lhe invejariam muitas damas do high-life!

Alem desse calumniado orthóptero outros me tem assistido algumas vezes ás noutes de trabalho.

Tambem as pequeninas mariposas nocturnas, de cores tão ricas e mimosas, tem me revelado estranhas bellezas, suggerido ideias felizes e inspirado profundo amor e admiração pela natureza.

Mesmo as pequeninas caróchas, tão abundantes e importunas nas noutes de verão, merecem o meu carinho. Para poder rabiscar estas notas, tenho sido forçado muitas vezes a fazel-as prisioneiras num caixão de phosphoros, até que, terminada minha tarefa, restitio-lhes a liberdade, atirando-as para o espaço, onde deslobram suas recatillhas azitas, voltando talvez aos ninhos, desilulidas do fallaz fulgor de minha lampada que as atrahira.

*

Mas, nem só a esse pequeninos seres dispenseo a minha sympathia e a minha protecção.

Outros ha que, com serem vultuosos e talvez por isso muito injustiçados pelos homens merecem a minha attenção e benevolencia.

Um d'elles, sobre todos, é a sua maior victimas: o infeliz burro.

Descaente e herleiro. As excellentes qualidades dos dois mais antigos e leaes auxiliares do «bipedes implume e inosequente», que se pavonia com o pomposo titulo de rei da criação, é o burro tomado para termo de comparação da imbecilidade e da estupidez, que o homem bem se podia attribuir ou então ao Perú, si quizesse ser modesto.

Forte, resignado, sobrio e, principalmente, prudente, o calumniado solipede estalonga de ser aquillo que a ingratição humana quer que ele seja.

Effectivamente, o burro é um dos animaes mais intelligentes, e o apparente paradoxo desta minha afirmativa só pode existir para os que accéptam dogmaticamente a injustiça que profligo. Foram-se os tempos de S. Agostinho, do «credo quia absurdum» e do «magister dixit» ignominioso, precisamos reagir, precisamos, pelo menos, defender o burro da injustiça multiseccular de que é victima. E' o que faço.

Dizem que elle é teimoso e pois isso o condemnam. Mas, senhores, si a sua teima é para acautelar a pelle e muitas vezes (quem sabe ?) a de quem indevidamente o cavalga, porque condemnal-o, uma vez que elle executa um acto de defeza, provando a firme educação de sua vontade? Si os homens não comprehendem isso, para quem então teria Samuel Smiles escripto a sua obra? Por burro passou Galileu, teimando em confirmar a descoberta de Copernico, junto a fogueira: «e pur se muove...»

E quantos outros, Deus do Céu !...

Mas, deixando as theorias, vou lhes contar factos que, mais que isso, melhor provam.

—De uma feita viajava eu lá pelos sertões de minha terra, quando, em certo ponto da estrada, empacou o burro alazão em que montava.

Olhei para a frente e nada tendo visto que me parecesse justificar a subita parada do animal, ferrei-

lhes as esporas nas ilhargas para estimulal-o. Nada! O burro remexeu-se, ameaçando corcovear, mas não avançou.

N'isto approxima-se de mim o pagem e vendome os esforços disse: por ahí não, seu doutor, é atoleiro; temos que voltear pelo desvio.

Atoleiro como, camarada, si eu vejo a estrada limpa e apenas com vestigio de chuva recente!

E, para mostrar-lhe que o burro não tinha razão e sim manha, carreguei-lhe de novo com mais força nas esporas, enquanto com as mãos torcia-lhe raivosamente as peludas orelhas, torturando-as.

Foi então que, sentindo a dor atrás, elle empinou-se e depois atirou os dianteiros no atoleiro em que me agulham a todos os cantos, deixando-me em perigosa situação sobre a sella.

Com o rosto salpicado de lama e tardiamente convencido, procurei esboçar-me pelos ancas do pobre animal, que bufava violentamente pelas ventas, tentando safar-se do brejal.

Conjugados os esforços do pagem aos dos troponos, e os meus, não sem porfiada lucta, retiral-o enfim do perigoso local em que a minha imprudencia o lançara.

Isso feito e não pôlen lo conter um movimento de justiça, eu atito piquei-lhe n'uma das patas, dizendo: mais burro do que tu fui eu, pobre alazão, não confiando em tua experiencia e sabedoria do que ignorava.

Os camaras riram de meo gesto, achando naturalmente, que o burro... tivera razão.

Desde então sempre escolhi esse muar para as minhas viagens, de preferencia ao cavallo, que, antes dessa, me deixara dolorosa experiencia.

Si é certo que este equideo é um animal valeroso e intelligente (já tem feito até operações arithmeticas), não é menõs certo, tambem, que nenhum outro é tão maluco e avoado quanto elle. Escutem.

Foi em S. Paulo, na Capital.

Foramos seis cavalleiros a passeio matinal pelos arredores, onde visitamos, além Cantareira, varios vinhedos cultivados por activos industriaes italianos. Como era natural, tivemos de provar em cada um dos sitios visitados o capitoso nectar que inventou e perdeu o pae Noé, transformando-nos, na volta, em perigosos gaúchos e cossacos mal treinados.

Querendo ganhar uma corrida em que nós empenharamos, eu dei tão louca ferroada com as esporas no miserero-inante que montava, que o infeliz, suppondo talvez estar o mundo para acabar, desabalou commigo n'uma carreira furiosa.

Ah, patricios, nem lhes conto.

Mazepa de má sorte, vi-me então transportado

como n'um furacão através de estradas, campos e cantingas, por onde fui deixado chapéo, relógio, cigarreria, phosphoros e os mekeis que levava commigo, enquanto os moradores fugiam apavorados a minha approximação.

Não morri nesse dia porque um fosso salvador que appareceu n'uma volta da estrada engoliu-me o mal lieto cavallo, enquanto eu, projectado em verdadeira grandeza e obelecendo a sabia lei da inercia, fui alcançar o barranco opporto, tangenciando o sólo com o nariz, a testa e regiões adjacentes.

D'essa vez não foi com o suor, mas sim com o sangue de meo rosto, que aprendi a não esporear demasiado um cavallo manso, porque esses damnados quando se zangam são peiores que os chucros.

Eis ahí porque, ainda hoje, prefiro o burro ou, melhor que isso, uma mula mansa, para as minhas viagens, mesmo que tenha de ir sómente a S. Antonio, em visita a meo velho amigo Padre Serpa, antigo companheiro de luctas electoraes.

Zig

CRISPIM MIRA

Em visita ao seu Estado natal, acha-se, desde domingo ultimo, em Florianopolis, o illustre jornalista catharinense sr. Crispim Mira.

Nos brilhantes prelios do jornalismo, onde ha demonstrado a superioridade de seu espirito combativo, s. s. occupa lugar de destaque.

Tanto nos jornaes deste Estado, como nos mais conceituados orgãos do Rio, o nosso distincto coestadino tem defendido com o ardor patriotico de suas arraigadas convicções os mais altos interesses catharineses.

A magna questão de limites encontrou em Crispim Mira um dos mais incansaveis luctadores.

Ahí estão os seus notaveis artigos, brilhantes de erudição em defesa da luminosa sentença que consagrou a victoria definitiva dos nossos direitos.

A *Phenix* saudando affectuosamente o illustre jornalista catharinense, deseja a S. S. feliz estadia nesta capital.

Joaquim Natividade

Festejou em 8 do corrente o seu anniversario natalicio o nosso operoso conterraneo sr. Joaquim Rodrigues de Natividade e Silva, digno professor da Escola de Aprendizizes de Artifices.

Embora tardiamente *A Phenix* abraça-o mui affectuosamente.

CARTAS DE UM MATUTO

Inlustrado redatô
Da apreciada Revista
(Peço me incluí na lista
Dos scritô afamado;
Para que eu assim poça
Me entendê com um parente
Que ha munto que tá ozente
E que se chama-se K. IADO.

Pois é a ele destinada
Esta carta que le mando
Na quá eu vô convidando
P'ra nós se correspondente;
Mandando ele as notiças
Dos facto da capitá
Que eu mandarê de cá
Notiças do continente.

Não faço apresentação
Como éra do mô devê
E' simplesmente p'ra vê
Se por ele sô conhecida;
Sempre dirê que sô prima
Moradeira nas Tijuca
Fia da Benta Mandunca
Ha munto já fallecida.

Agora que o primo sabe
Com certeza eu quem sô
Vai me fazê o lavô
De prestá toda atenção;
Quero conta o porgueço
Que a noça Vila tem feito
E le mostrá os defeito
Deça nova geração.

A Vila tem omentado
Tá munto dezenvorvida
Mas cendo munto comprida
Fizero uma divizão;
D'um lado os Guaquary
Q'a munto tempo nom vejo
Do otro são karanguejo
Onde tem luminação

Mas aylespois que dividiro
Tem avisto umas demanda
Por cauza de duas banda
De musga que se formô;
Quando uma é convidada,
Prà i tocá num logá
A otra não vai tocá
Veja só vancê que horrô

Não lazendo munto tempo
Que o primo andô por cá
E' facir de advinhá
Quem esta carta le screve;
E pela minha acinatura
Que vai no fim da cartinha
Logo vê que a priminha
De arguma coisa le serve

Vamos entrá no açumto
Desta carta principa
E as informação presta
Desta terra tão amada;
Tratarei do que e bom
Do ruim farê a critica
Dexando a dona política
Para um lado atirada.

Temo munta coiza bôa
Temo escola arreunida
E n'ela gente sabida,
Que intê faz admirá;
Tivemos aqui um briqueado
Chamado patinação
E o sô Kadico então
A farta que fez por cá.

Temos otras coisinha bôa
Que com vagá le dirê
O brinquedo de batê
Que agora tá munto uzado;
Formo os moço e as mocinha
Na sua em duas tilera
Batem de certa manera
Brinqueos de namorado

Uma noite tambem fui
O brinque lo assisti
Bellas coisinhas eu vi
Mas não digo e aqui fico:
Contarei de otra vez
Qu' uma linda mocinha
Dizia assim coitadinha
Bate aqui seu Kadico

Mudemos porem d'açumto
E vamo da moda tratá
Pra vancê me informá
Sobre o traje das famia
Porque a minha bichinha
Que fazê vestido novo
Sem dá que falá o povo
Moridô da freguezia.

Aqui se usa uns vestido
Dizem se coisa moderna
Tão curto que mostra a perna
A esse mundo salad;
Podese munto bonito
Está na moda não contesto
Mas no mô tempo portesto
Disto nunca si usô

E os taes cabelo então
Os cócô arretroicido
São tão fino e tão comprido
Que intê faz a repiá;
Que coiza mais perigoza
N'um dia de troyoada
Um raio perdendo a estrada
Vem munta gente mata

Emfim mô primo adorado
Vô terminá estas linha
Le lembrado que a bichinha
Espera com paciença;
Que lhe mande informação
Das moda que uzô ahi;
E um bejo manda daqui
A sua prima VICENÇA.

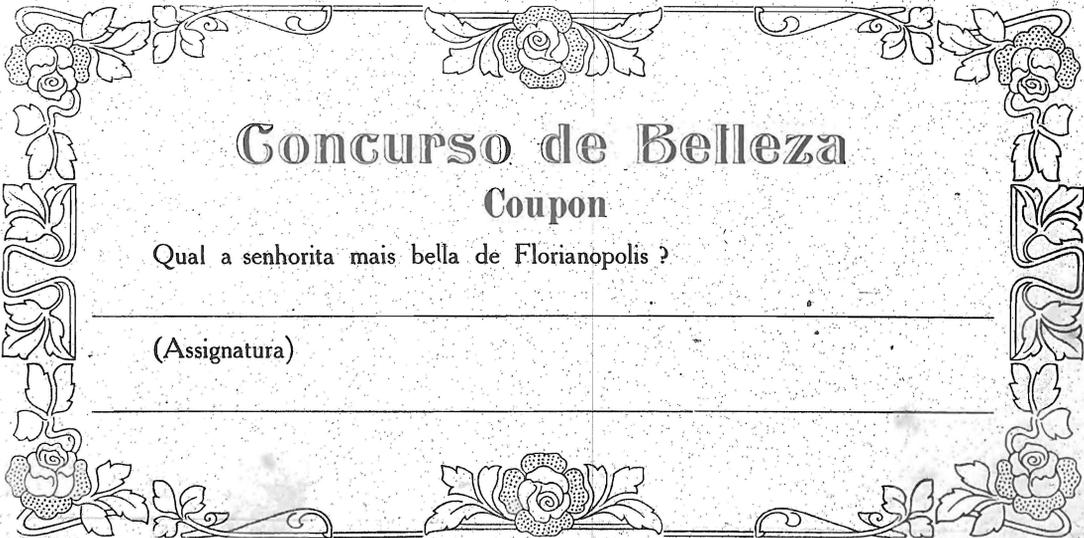
A pedido do Sr. Professor Joaquim Margari- ções assumidas com Sr. Margarida.
da, cumpre-nos declarar que o referido Sr. vendeu E' ainda de nosso dever declarar que esse nos-
todo o material apropriado para photographias e pho- so dedicado amigo produz o, mesmo com sacrificio, todo
togravuras á «Empreza graphica d'A Phenix» o trabalho de gravuras até o numero 22 d'A Phenix
Com o pagamento de duas promissoras de du- sem perceber importancia alguma, procurando sempre
zentos e cincoenta mil reis cada uma a vencer-se nos executal-o o melhor que lhe era possível, e que, de
dias 30 de Outubro e 30 de Novembro do corren- ora avante, responsabilidade alguma lhe cabe se, ao
te anno. firmados pelo director-gerente Sr. Edmun- publico não agradarem, os trabalhos á serem executa-
do Silveira ficarão saldados todas as contas e obriga- dos.
A Empreza.

OFFICINA AZEVEDO

Rua Saldanha Marinho 4

Nesta casa aceita-se todo e qualquer serviço de instalações d'água e gaz. Fabrica-se gazometros garantidos.

Acceita-se trabalhos de caldeireiro e ferreiro



Concurso de Belleza Coupon

Qual a senhorita mais bella de Florianopolis ?

(Assignatura)

Rink Catharinense

—DE—

JULIO TOLDO

Ponto de diversões para as Exmas. familias
Tem sempre um grande e variado sortimento
de bebidas finas, bombons etc.

RUA REPUBLICA

Refinação á Vapor

Grande fabrica de massas alimenticias

Torrefacção e moagem de café

ARMAZEM DE LIQUIDOS E COMESTIVEIS

—DE—

Lino Socini

Endereço telegraphico---**Refinação**

CAIXA POSTAL 24

Telephone 59

Rua Trajano n. 5

Florianopolis